

A nasalização em Awetí¹

Ruth Maria Fonini Monserrat

Resumo

Este artigo descreve diversos processos sincrônicos de nasalização que ocorrem na língua Awetí, tronco Tupí, e postula seis regras fonológicas necessárias para dar conta do processo regular de nasalização dessa língua, determinando sua ordem de aplicação. Também são avançadas algumas considerações diacrônicas, a partir da comparação de casos emblemáticos de nasalização em algumas línguas da família Tupí-Guaraní, e propõe regras fonológicas que deveriam estar já ativas em estágio Proto-Awetí-Tupí-Guaraní.

Palavras-chave: Nasalização. Processos morfofonológicos. Mudanças sonoras. Awetí. Tronco Tupí.

Abstract

This paper describes several synchronic processes of nasalization in Awetí, Tupian Stock, and puts forward six phonological rules, and their order of application, in order to describe the regular process of nasalization of the language. Some diachronic considerations are also presented, based on the comparison with some Tupí-Guaranian languages, and a couple of diachronic rules corresponding to the Proto-Awetí-Tupí-Guaraní are suggested.

Keywords: Nasalization. Morpho-phonological processes. Sound changes. Awetí. Tupian Stock.

Introdução

Apresentamos inicialmente algumas características fonológicas do Awetí, língua pertencente ao tronco Tupí². Os fonemas segmentais são os seguintes: p, t, ts, k, ʔ, m, n, ŋ, w, z, y, r, l, i, i, u, e, a, o, i, i, ã, õ (z representa uma fricativa palatal retroflexa; as vogais médias e, o, ã, õ são normalmente realizadas como ε, ɔ, ẽ, õ – embora os exemplos a partir do 11 não registrem isso). Em posição inicial de raiz, há poucas ocorrências de z, l, w, apenas uma

1 O presente trabalho foi apresentado em forma de Comunicação Oral durante a 29ª Reunião Anual da SBPC realizada em São Paulo, em 1977.

2 A hipótese de separação tardia das famílias Awetí e Tupí-Guaraní a partir de um estágio Proto-Awetí-Tupí-Guaraní foi originalmente sugerida por Rodrigues (1984/1985) e reiterada formalmente por Rodrigues & Dietrich (1997).

de ts, r, n, e nenhuma de ŋ. A maioria das raízes, portanto, tem como som inicial p, t, k, ʔ, y, m ou uma vogal. Em posição final ocorrem oclusivas, todas as nasais, glides e vogais, não havendo nenhum registro de ts, ʔ, z, r, l, e apenas dois de w.

O acento de intensidade é previsível no nível da raiz, ocorrendo sempre em sua última sílaba. Dada, porém, a existência de diversos sufixos átonos, pode-se encontrar palavras paroxítonas, proparoxítonas e até mesmo com acento na quarta sílaba à esquerda (como em [itózokotu] ‘minha futura ida’ /i-tó-zoko-tu/ 1sg-IR-fut-nom). Os padrões silábicos mais comuns, no nível da palavra, são CV, V (somente em posição inicial), CVC (somente em posição final). Ou seja, não há encontros consonantais internos. Mas ocorre o padrão VC em algumas raízes monossilábicas (em geral desfeito na palavra). Em níveis superiores ao da palavra ocorrem grupos consonantais fonéticos. Dependendo da análise adotada para os glides y e w, pode-se admitir também o padrão CCV (C), com uma oclusiva como primeira consoante, seguida por um glide (*kwat* ‘sol’, *i-pyá* ‘largo’).

1. Nasalidade intrínseca

Passemos ao exame da nasalidade intrínseca e do processo de nasalização em Awetí. A nasalidade é distintiva nas vogais, em sílabas tônicas ou átonas, após consoante oral ou nasal, mas não antes de consoante nasal, quando são sempre nasais (Emmerich & Monserrat, 1972). Por outro lado, há oposição entre sílabas finais com vogal ou consoante nasal final, mas não entre sílabas com vogal nasal seguida de consoante oral e sílabas com vogal nasal seguida de consoante nasal. Os exemplos abaixo ilustram o que foi dito³:

- | | |
|-------------------------------------|----------------------------|
| 1. moʔé [mɔʔɛ] ‘ensinar’ | 1a. maʔẽ [maʔẽ] ‘ver’ |
| 2. kiʏ [kiʏ] ‘esse’ | 2a. kiỹ [kiỹ] ‘matar’ |
| 3. tetá [teta] ‘grande’ | 3a. tetã [tẽdã] ‘brincar’ |
| 4. napó [napɔ] ‘raiz dele’ | 4a. nãpó [nãbɔ] ‘mão dele’ |
| 5. akúp [akup] ‘quente’ | 5a. ẽtúp [ẽdup] ‘ouvir’ |
| 6. tĩ [tĩ] ‘bico’ | 6a. tíŋ [tĩŋ] ‘branco’ |
| 7. tã [tã] (caract. fala masculina) | 7a. tán [tãn] ‘correr’ |
| 8. eʔé [eʔe] ‘ralar’ | 8a. eʔén [ɛʔẽn] ‘vomitar’ |

3 Após vogal foneticamente nasal as consoantes sonorizam-se em maior ou menor grau. Nas transcrições não fonêmicas apresentaremos, em geral, a forma sonora. A oposição sur x son não é distintiva nas consoantes. Isso transparece, aliás, nos empréstimos do português, ou na própria escrita do português por falantes Awetí, quando é frequente a confusão entre obstruentes surdas e sonoras, e isso não apenas em ambiente nasal : *anzol* por ‘anzol’, *rete* por ‘rede’, *Rudes* por ‘Ruth’, etc.

9. [kãŋ], mas não *[kaŋ] ou *[kãk] ‘osso’
10. [tĩm], mas não *[tim] ou *[tĩp] ‘plantar’
11. [mãĩʔok], mas não *[maniʔok] ‘mandioca’

Os três últimos itens admitem soluções alternativas, numa análise fonêmica estruturalista clássica: a) pode-se considerar a nasalidade vocálica como não fonêmica antes de consoantes nasais e, conseqüentemente, dizer que nas palavras em questão temos /kaŋ/, /tim/ e /maniʔok/; ou b) se pode considerar não fonêmica a nasalidade consonântica em 9 e 10, já que é previsível o surgimento de consoante nasal após vogal nasal, em sílaba final fechada, e portanto considerar, para esses itens, a representação subjacente /kãk/ e /tĩp/, respectivamente.

O argumento b é reforçado pelo comportamento simétrico do fonema /y/ final na mesma situação, que apresenta um alofone nasal [ỹ] (como em /ãy/ [ãỹ] ‘dente’). Numa outra perspectiva, porém, o comportamento morfofonêmico dessas consoantes permite sua interpretação mais razoável como nasais e não como oclusivas precedidas por vogal nasal. O fato de as vogais serem foneticamente nasais nessas palavras insere-se, por conseguinte, no processo mais amplo de nasalização da língua.

2. Nasalização regressiva

Ou seja, a par da nasalidade intrínseca – vogais e consoantes fonemicamente nasais – ocorre em Awetí um processo de nasalização que assume feições diversas, mas cuja característica mais geral é a seguinte: se qualquer segmento da raiz ou de algum prefixo de uma palavra é intrinsecamente nasal, todas as vogais e glides que o precederem, nesses limites, são automaticamente nasalizados. A fórmula abaixo representa esta regra fonológica, que opera simultaneamente para todos os segmentos que satisfazem as condições:

Regra de nasalização geral regressiva (NR) I

(NR) [-cons] → [+nas] / [# ----- (CV)_o [+nas] (x)] raiz

Essa regra dá conta não apenas dos exemplos 9-11, que repetiremos para maior comodidade de exposição, como dos seguintes (12-16), incluindo distintos prefixos:

9. kãŋ [kãŋ] ‘osso’
10. tĩm [tĩm] ‘plantar’

11. maniʔok [mãĩʔok] ‘mandioca’
12. topã [tõbã] ‘tempestade’
13. yomém [ñõmëm] ‘beiju’
14. a-potazõ [ãbõdãzõ] ‘roubei’
15. o-te-kĩy [õdẽgĩy] ‘matou-se’
16. e-pot-ẽúp-éyu [ẽbõrẽdupeyu] ‘estás pensando’

A regra (NR) dá conta também da nasalização dos prefixos pessoais antes dos dois únicos prefixos derivativos que têm consoante nasal (*mo-* ‘causativo’ e *emĩ-* ‘paciente’) e que, portanto, estão no seu âmbito de aplicação:

17. yo-mo-tó [ñõmoto] ‘dê!’ (2sg-caus-IR)
18. it-emĩ-mo-tó [idẽmĩmoto] ‘o dado por mim’ (1sg-pac-caus-IR)

A regra (NR) aplica-se ainda às palavras compostas:

19. tĩ+teʔẽ [tĩdeʔ’ẽ] ‘mar’ (água, líquido salgado)

Ademais dessa característica geral de nasalização regressiva, há outras situações mais restritas, de nasalização tanto regressiva quanto progressiva, que serão examinadas nos tópicos seguintes.

3. Nasalização progressiva

Os glides /y/ e /w/ são os únicos segmentos que sofrem nasalização sistemática quando seguem imediatamente um segmento nasal. Isso que pode ser expresso por meio de uma regra fonológica como a abaixo:

Regra de nasalização progressiva dos glides (NG’)

(NG’) [-sil -cons] → [+nas] / [+nas] -----

O exemplo 15 acima mostra a nasalização progressiva de /y/ nos limites da raiz; 20 e 21 abaixo ilustram-na com os dois sufixos que têm /y/ inicial, e 22 ilustra-a com o único sufixo com /w/ inicial:

20. ozo-pipẽ-yu [õzõbĩbẽñũ] ‘estamos costurando’ (1pl-COSTURAR-cont)
21. mitã-yit [mĩdãñit] ‘anzolzinho’ (ANZOL-dimin)
22. nã-kã-wo [nãgãwõ] ‘no seu galho’ (3-GALHO-loc)

Algo que necessita de exame mais aprofundado é o ambiente de aplicação da regra (NG'), pois há diversos casos em que os glides são nasalizados também quando vêm separados do segmento nasal por outros orais, ou mesmo por uma sílaba inteira oral. E isso ocorre tanto para a direita quanto para a esquerda. Daremos alguns exemplos e a seguir proporemos, com reservas, uma versão modificada de (NG'):

23. mã-tsu-yit-itu [mãdzũñiritu] 'um pouquinho assim' (aqui-como-dimin-nom)
 24. o-ʔapát-e-yu tsã [oʔapareỹüdžã] 'estão deitados' (3-DEITAR-x-cont-nom ELES)

Note-se que em 23, nasalizando-se /y/, está criado o ambiente para a aplicação de (NR), que nasaliza a vogal de /tsu/, produzindo [mãdzũñiritu]. E não se pode pretender que /tsu/ fique nasalizado por influência de /mã/, pois em 25 abaixo temos, após /mã/, uma sílaba oral:

25. mã-kipé [mãgipe] 'aqui'

A regra (NR), portanto deve vir ordenada depois da regra (NG'). No exemplo 24 observamos a nasalização de /y/ numa situação de expansão regressiva da nasalidade de um segmento para além do limite da palavra – que é o âmbito da regra (NR). No caso do glide /w/ temos o sufixo /-aw/ 'gerúndio', que é nasalizado após raiz nasal, enquanto o mesmo não ocorre com os sufixos /-at/ 'agente', /-ap/ 'circunstancial' e /-it/ 'ser animado', que têm o mesmo padrão silábico, VC, o que indica que o que barra a nasalização é a obstruente final. Em 26 e 27 há exemplos desse tipo de nasalização:

26. pipẽ-aw [pĩbỹãw] 'costurando'
 27. kĩy-aw [kĩýtãw] 'matando'

Compare-se com 28-30, com os sufixos *-at*, *-ap*, *-it*:

28. pipẽ-at [pĩbyat] 'costureiro'
 29. kĩy-ap [kĩýtap] 'circunstância da morte'
 30. iyém-it [iñēmīt] 'lagartixa'

Prosseguindo, em 31 o glide /y/ é nasalizado após o prefixo *emĩ-*, embora estando no final da sílaba seguinte:

31. e-emĩ-pwáy-an [ẽmĩbwãñãn] 'o que será pedido por você' (-an 'fut')

Também aqui não se pode pretender que /y/ é nasalizado por influência de *-an*, pois temos 32, com /y/ oral:

32. o-pót-e-yu-an-mẽ [oporeyãñẽ] 'vai saltar' (3-SALTAR-x-cont-fut-ênf)

Por outro lado, o último exemplo mostra que a nasalização de /y/ não contíguo a segmento nasal não é muito sistemática (como se verá adiante, o sufixo *-mẽ* nasaliza regressivamente). A nasalização de toda a sílaba que segue *emĩ-* em 31 decorre da aplicação de (NR) após a nasalização de /y/. De qualquer maneira, *emĩ-* aparentemente nasaliza /y/ somente em sílabas contíguas, pois em 33, em que o glide não está nessa situação, ele não fica nasalizado:

33. (e)mĩ-ʔatopáy [(ẽ)mĩʔatopay] ‘o que foi empurrado’

A versão modificada de (NG’), para incluir derivações como as presentes em 23, 24, 26, 27 e 31, pode ter a forma:

Regra de nasalização dos glides modificada (NG)

(NG) [-sil -cons] → [+nas] / [+nas] CV, VC -----

De qualquer forma, o que ressalta dos exemplos de nasalização com /y/ é a existência de clara tendência sincrônica à nasalização generalizada, embora sem limites muito bem delineados.

Com *emĩ-* ocorre ainda um fato interessante: no caso de 34 ele provoca a nasalização da vogal da raiz, embora não haja aí nenhum *glide*:

34. (e)mĩ-ʔú [mĩʔũ] ‘comida’

Trata-se de uma exceção, mas atesta fatos importantes tanto da siconia quanto da diacronia da língua, pois, como se verá adiante, a nasalização progressiva em Awetí é provavelmente vestígio de processo outrora produtivo no Proto-Awetí-Tupí-Guaraní. Por outro lado, a realização sempre nasal da segunda vogal de *emĩ-*, em contraste com a oralidade da vogal de *mo-*, por exemplo, força sua interpretação atual como vogal nasal, evidenciando uma oposição significativa, embora ainda pouco frequente, entre vogais orais e nasais após consoante nasal. Tal oposição, será dito adiante, não existia em fase anterior da língua, nem, é possível, na protolíngua mencionada.

4. Outro tipo de nasalização regressiva

Antes de pausa seguida imediatamente por sílaba nasal, as consoantes orais, bem como as vogais que as precedem imediatamente, nasalizam-se, e as consoantes assimilam o ponto de articulação da consoante seguinte. Trata-se de situação mais restrita de nasalização regressiva, sem o alcance à esquerda, nem o limite à direita, da regra (NR).

Pode ocorrer, ademais, ulterior queda da primeira consoante do grupo consonantal, regra mais geral, não restrita a essa situação. Assim, duas regras

obrigatórias e uma optativa se fazem necessárias para descrever acuradamente esse processo:

Regra de nasalização regressiva parcial de vogais OBRIGATÓRIA

(NRP) $V \rightarrow [+nas] / \text{----- } C[-nas] + \text{ sílaba}[+nas]$

Regra de assimilação nasal regressiva de consoantes OBRIGATÓRIA

(ANC) $C \rightarrow [+nas \beta \text{ ponto}] / \text{-----} \# [C +nas \beta \text{ ponto}] V[+nas]$

Regra de apócope de consoantes OPTATIVA

(ApC) $C \rightarrow \emptyset / \text{----- } C$

Os exemplos 35-41 abaixo apresentam as derivações resultantes da aplicação dessas três regras, eliminadas outras transformações internas que não interessam agora, bem como a explicitação de (NR) aplicada ao segundo registro em cada exemplo:

	(ANC)	(NRP)	(ApC)
35. apúrit-tiʔiŋ-u 'fala do papagaio'	apúrindiʔiŋu	apúrĩndiʔiŋu	apúrĩdiʔiŋu
36. taʔwát pwã 'garra da onça'	taʔwanbã	taʔwãnbã	taʔwãbã
37. mápap potán+yúŋ 'tratar catarro'	mápambõdãñũŋ	mápãbõdãñũŋ	mápãbõdãñũŋ
38. akóy kám 'peito dela'	akóyã	akõyã	---
39. aʔók maniʔók 'arranco m.'	aʔõmãniʔók	aʔõmãniʔok	aʔõmãniʔók
40. taʔwát mēpit 'filhote de onça'	taʔwãnmēbit	taʔwãnmēbit	taʔwãmēbit
41. a-túp-nã-aʔin 'já o vi'	atúmnãʔin	atúmnãʔin	---

A derivação decorrente de (NRP) ocorre normalmente na fala a par da optativa (ApC). Mas observe-se que (ApC) não se aplica a 38 (que tem glide final), nem a 41 (que tem o pronome-objeto *nã* seguido do sufixo de passado imediato *-aʔin*). Observe-se ainda que as regras (ANC) e (NRP) não podem, de forma alguma, ser englobadas na regra geral de nasalização regressiva (NR), nem precedê-la, visto que não há, nos exemplos 35-41, a ulterior expansão regressiva da nasalidade até os limites da palavra, coisa que ocorreria com a aplicação da regra (NR), ou se esta fosse aplicada depois de (AN e (NRP)).

5. Sufixos nasais

Há na língua sete sufixos nasais⁴, dos quais dois, *-ĩ* ‘atenuativo’ e *-mẽ* ‘enfático’, expandem a nasalidade para as palavras que os precedem, mas de forma distinta em cada um dos casos.

5a. Nasalização com o sufixo *-ĩ*

Este sufixo, pouco produtivo, é encontrado em apenas algumas palavras. O fato de ele ser tônico e de ser a única exceção ao ambiente da regra (NR), pois provoca nasalização em toda a palavra, talvez possa ser interpretado como indício bastante forte de que tenha sido reanalisado pelos falantes e sincronicamente tenha-se tornado parte da raiz.

Resta saber se historicamente ele provocava ou não a nasalização dos segmentos precedentes. Em Tupinambá *-i ~ -ĩ* era marca de diminutivo. As palavras portuguesas *capim*, *surubim*, entre outras, atestam a variante nasal; *jacareí*, *Tamanduateí*, a variante oral. Os exemplos 42 e 43, a seguir, ilustram a situação atual do Awetí, com *-ĩ* interpretado como parte da raiz:

42. *iwit=ĩ* /*iwit ĩ*/ [ĩwĩtĩ] ‘poeira’

43. *iwit-kit=ĩ* /*iwikit ĩ*/ [ĩwĩkitĩ] ‘grama’

5b. Nasalização com o sufixo *-mẽ*

Com esse sufixo ocorre inicialmente a assimilação nasal da consoante final da raiz e a nasalização da vogal que a antecede (regras ANC e NRP) e depois a queda obrigatória da segunda consoante do grupo. Note-se que no caso da regra optativa (ApC) é a primeira consoante que cai. A regra para *-mẽ*, portanto, é morfológicamente condicionada, aplicável unicamente a esse sufixo quando precedido por consoante nasal (subjacente ou derivada pela regra (ANC)). Quando *-mẽ* é precedido por vogal, nasal ou não, não ocorre nenhuma mudança.

4 São eles: *-an* ‘fut nom’, *-iwã* ‘loc dif’, *-eʔim* ‘neg nom’, *-aʔin* ‘pas imed’, *-wian* ‘fut imed’, *-ĩ* ‘atenuat’, *mẽ* ‘enf’.

Regra de apócope com -mẽ**OBRIGATÓRIA**

(Ap-mẽ) C[+nas] → Ø / C[+nas] + ----- <ênfase>

Os exemplos 44 a 49, abaixo, ilustram as derivações com -mẽ:

	(ANC)	(NRP)	(Ap-me)
44. opáp-mẽ 'acabou mesmo'	opámmẽ	opãmmẽ	[opãmẽ]
45. oʔát-mẽ 'caiu mesmo'	oʔánmẽ	oʔãnmẽ	[oʔãñẽ]
46. aʔók-mẽ 'arranquei mesmo'	aʔóɣmẽ	aʔõɣmẽ	[aʔõɣẽ]
47. ekiy-mẽ 'puxar mesmo'	ekiýmẽ	ekĩýmẽ	[ekĩñẽ]
48. ikiláw-mẽ 'é preto mesmo'	ikiláw̃mẽ	ikilãw̃mẽ	[ikilãw̃ẽ]
49. yúŋ-mẽ 'guardar mesmo'	ñũɣmẽ	-	[ñũɣẽ]

Comparem-se estes exemplos com os de 50 e 51, em que as raízes terminam por vogal:

50. yopã-mẽ [ñõbãmẽ]	'bater mesmo'
51. etsé-mẽ [etsêmẽ]	'entrar mesmo'

A regra (Ap-mẽ), da mesma forma que (ANC) e (NRP), deve vir ordenada após a regra (NR), visto que a nasalização atinge, à esquerda, apenas a vogal contígua à consoante nasal.

6. Assimilação nasal

O processo específico de assimilação nasal da consoante que precede -mẽ e de queda ulterior do segmento *m* do sufixo difere tanto do processo mais geral de nasalização em Awetí descrito pela regra (ApC) – de queda da primeira consoante de um grupo consonantal – quanto de outro processo característico de algumas línguas Tupí-Guaraní (entre elas Tapirapé, Tupinambá e Guajajára), em que ocorre a nasalização da oclusiva inicial de certos morfemas quando precedidos por segmentos nasais. No caso desse segmento nasal ser uma consoante, em geral ocorre igualmente a apócope ulterior dessa consoante.

Entre os morfemas mais comuns que sofrem tal assimilação estão (Tba) *katú*, (Tpe) *kãto*, (Gj) *katú* ‘bom, bonito, bem’, que apresentam, respectivamente, as formas *ŋgatú*, *ŋãtô*, *ŋatú*, após nasal⁵. Ou ainda (Tba) *pukú*, (Tpe) *pokó*, ‘comprido’, realizados como *mbukú* em (Tba), e *mokó* em (Tpe) após nasal. A mesma coisa ocorre também com o sufixo de passado nominal *-pwéra* (Tba), *-kwéra* (em algumas línguas Tupí-Guaraní). O sufixo *-pút* do Awetí, que corresponde a *-pwéra*, com o mesmo sentido de passado nominal, é o único morfema que sofre esse processo, e mesmo assim unicamente se precedido por consoante nasal. A regra abaixo formaliza tal processo e os exemplos 52 e 52, as derivações:

Regra de assimilação nasal com /-pút/

(AN-pút) [-cont +ant -cor] → [+nas] / [-sil +nas] + ----- <pas nom>

	(AN-pút)	(ApC)	
52. kãŋ-pút	kãŋmút	kãmút	‘osso fora do corpo’
53. mén-pút	mënmút	mëmút	‘ex-marido’

Comparem-se esses últimos exemplos com 54, em que o segmento final da raiz é uma vogal nasal, e, portanto, (AN-pút) não se aplica:

54. etimã-pút [ẽdĩmãbút] ‘perna fora do corpo’.

Nesse caso ocorre apenas a sonorização da oclusiva após nasal, regra geral de estrutura morfêmica.

7. Nasalização de glides

Voltemos à regra modificada de nasalização dos glides (NG). Numa forma como *potazô* ‘roubar’, seguida pelo sufixo *-at*, este permanece oral. No entanto, se após *-at* seguir-se *-put*, a forma resultante será [põdãzõãmút] e não *[põdãzõapút], como seria de se esperar pela regra (AN-put). A fim de impedir derivações incorretas há, pois, necessidade de, ou reformular (AN-put), ou postular outra regra, que separe a nasalização dos glides expressa em (NG), da nasalização progressiva de sílabas com padrão VC.

Vejamos inicialmente o que aconteceria se mantivéssemos (NG) e acrescentássemos uma regra que nasalizasse o sufixo *-at* quando seguido por *-put*, mas não quando *-at* fosse fronteira de palavra. Após essa regra (N-at),

5 No caso do Guajajára (Gja), em que já não existem vogais nasais subjacentes (Soares, 1977), a nasalidade inicial em *ŋatú* é vestígio de processos produtivos em estágio anterior, quando havia vogais nasais. Os dados do Tapirapé (Tpe) são de Leite (1977).

que não formalizaremos, seria aplicada a regra (AN-put). O exemplo 55 mostra como ficariam as derivações:

55.	/potazõ-at/	‘ladrão’	/potazõ-at-put/	‘ex-ladrão’
(NR)	põdãzõat		põdãzõatput	
(N-at)	-		põdãzõãput	
(AN-put)	-		põdãzõãmut	
(ApC)	-		põdãzõãmut	
(EAV)	*[põdãzõwat]		[põdãzõãmút]	

(EAV) representa duas regras gerais, não formalizadas neste trabalho, de elevação das vogais médias e de assilabificação das vogais altas antes de a.

8. Desnasalização de vogais

Para a derivação final adequada de *potazõ-at* é necessária ainda outra regra, de desnasalização de vogais em juntura interna, quando seguidas por vogal (ou sílaba) oral mais pausa. Tal regra deve ser ordenada após a regra (N-at), para impedir a desnasalização da vogal final em /potazõ/ seguido por *-at-put*:

Regra de desnasalização de vogais

(DV) $v \rightarrow [-nas] / \text{-----} + [-nas]$

Aplicando-se (DV) ao resultado de (N-at), obteremos [põdãzoát]. Esta regra deve ser ordenada antes de (EAV), que dá a derivação final [põdãzõat].

A regra (N-at) daria conta dos casos com *-at* e *-ap* em final de palavra ou seguidos (no caso de *-at*) por *-put*, que, como foi assinalado, é o único sufixo cuja oclusiva inicial sofre assimilação nasal. Mas uma regra desse tipo não daria conta da nasalização que ocorre com *-aw* (sufixo de ‘gerúndio’) em final de palavra. Assim, ela teria de conter uma especificação a mais, no lado esquerdo de flecha, para eliminar os glides de sua área de aplicação. De qualquer maneira, tal regra teria de ser ordenada antes de (DV), para impedir a desnasalização de uma vogal nasal antes de *-aw*, produzindo um resultado incorreto como *põdãzoáw, com vogal final oral.

9. Interpretação alternativa

Uma solução alternativa à regra (N-at), que nos parece mais natural e adequada, e que adotaremos aqui, é alterar o ambiente da regra (AN-put) (de nasalização da oclusiva inicial de *-put*), da maneira seguinte:

Regra modificada de nasalização de -put (AN'-put)

(AN'-put) [+cont +ant -cor] → [+nas] / [-sil +nas] + VC, CV +
 ----- <pas nom>

Por esta regra, dada a forma básica /potazõ-at-put/ teríamos inicialmente a nasalização de *-put* e depois a nasalização de *-at* e a queda da primeira consoante do grupo pela aplicação sucessiva das regras (ANC), (NRP) e (ApC). Por outro lado, como já foi dito antes que a regra (NR) deve preceder (ANC) e (NRP), e a regra (NG) deve preceder (NR), a ordenação global de todo o processo será a especificada em 56 abaixo, com as derivações correspondentes:

56.	/potazõ-aw/	/potazõ-at/	/potazõ-at-put/
(NG)	potazõãw̃		
(NR)	põdãzõãw̃	-	põdãzõatput
(AN'-put)	-	-	põdãzõatmut
(ANC)	-	-	põdãzõanmut
(NRP)	põdãzõãw̃	-	põdãzõãnm̃ut
(ApC)	-	-	põdãzõãmut
(DV)	-	põdãzoat	
(EAV)	[põdãzõãw̃]	[põdãzõat]	[põdãzõãm̃ut]

Vê-se, portanto, que para as derivações corretas de 56 necessitou-se de todas as regras até agora mencionadas, à exceção da regra particular de apócope da consoante de *-mẽ* (Ap-mẽ).

10. Outros casos de nasalização

A seguir apresentaremos alguns casos especiais em que ocorre a nasalização progressiva ou regressiva de um ou mais segmentos. Não temos por ora condições de formalizar tais situações na forma de regras fonológicas. Observem-se inicialmente as realizações contraditórias de 57 e 58, para as quais não vemos explicação:

57. o-te-ewít-yu tsã [õdẽβĩũdsã] 'estão copulando', com nasalização regressiva geral provocada pelo pronome *tsã* 'eles'

58. o-ʔapát-e-yu tsã [oʔapareỹũdsã] 'estão deitados', com nasalização regressiva apenas parcial por influência do mesmo *tsã*.

E agora, vejamos-se 59-62:

59. a-táj it-e-karupáp-piwo [ãdãj itekarupapiwo] ‘ guardei na minha mala’, com nasalização progressiva, na segunda palavra, apenas da primeira vogal, por influência da consoante precedente.

60. it-eʔip-atsám [ĩdẽʔipãdzãm] ‘ meu cinto’, com nasalização regressiva total, a par de 61 e 62, sem nasalização regressiva dos mesmos segmentos em ambientes idênticos:

61. i-ʔiwát-atsám [iʔiwárãdzãm] ‘ meu objeto de enrolar a cintura’

62. i-pó-kút-atsám [ipokurãdzãm] ‘ meu objeto de enrolar o dedo’

Os exemplos 60-62 podem indicar um processo de perda de regra, pois 60 parece corresponder atualmente a uma forma fixa, indivisível, enquanto 61 e 62 foram formas obtidas artificialmente, pois ‘anel’ em geral não é ‘de enrolar’, nem ‘cintura’. A forma normalmente usada para ‘meu anel’ é *i-pó-kút-etsát*, onde o sufixo *-etsát* indica algo que ‘circunda sem enrolar’. Mas, ao aceitar a forma pedida como possível e compô-la sem nasalização regressiva, o falante evidencia em 60 um processo residual.

Observemos agora 63 e 64, onde novamente se dá a nasalização regressiva de uma vogal fora dos limites da palavra, que é o ambiente próprio de aplicação da regra (NR):

63. wey-ʔaká taʔẽ [weyakãtãʔẽ] ‘(ele) quebrou a panela’

64. o-pút te-ʔinĩ [opũntẽʔinĩ] ‘rasgou-se a rede dele’

Finalmente, temos casos como 65-68, em que uma consoante nasal provoca nasalização progressiva das vogais ou sílabas seguintes, nos limites da palavra, ao lado de 69, sem tal nasalização:

65. n-uwáy [nũwáy] ‘rabo dele’

66. mé-ıwã [mẽıwã] ‘pelo caminho’

67. my o-páp [mỹ opáp] ‘vinte (pé acabou)’

68. ne-ʔekit [nẽʔekit] ‘favo de mel’

69. ne-piraʔit [nepiraʔit]

Os exemplos 65-68 são de formas cristalizadas, que atestam a existência de uma regra vigente no Proto-Awetí-Tupí-Guaraní, pois vestígios dela podem ser encontrados em línguas Tupí-Guaraní, inclusive no Tupinambá. Deve ter sido uma regra muito geral, de estrutura morfêmica, postulando que toda vogal é nasal após consoante nasal. Resíduos dessa regra seriam algumas formas em Tupinambá com o prefixo causativo *mo-* e a consoante seguinte registrada

ora como nasal, ora como oral⁶, como em *mondycá* ~ *mossycá* /mo-sik/ ‘fazer chegar’; *mopoca* ‘disparar’ (*poca* ‘estourar, estalar’) ao lado de *momboca* ‘furar’ /mo-pok/. O próprio fato de não ser sistemático o registro nasal parece indicar a tendência ao desaparecimento dessa regra em Tupinambá.

Em Awetí encontramos apenas uma palavra atestando sua existência em estágio anterior. Trata-se de [mōdép] /mōtép/ ‘meter, pôr dentro’, possivelmente de */mo-tép/. Todas as demais formas com causativo são orais atualmente: [motó] /mo-tó/ ‘dar (fazer ir)’; [mopir’á] /mo-pir’á/ ‘molhar’, [mokúy] /mo-kúy/ ‘derrubar’, etc.

Ao lado dessa regra postulada para o Proto-Awetí-Tupí-Guaraní deve ter existido outra (anterior? posterior? da mesma época?), de desnasalização parcial de uma consoante nasal antes de vogal fonemicamente oral, ou seja, que criava nasais não contínuas, ou nasais com pós-oclusão oral, em geral representadas nas fontes históricas do Tupinambá como *mb*, *nd*, *ng*. Ora, essas duas regras seriam mutuamente neutralizáveis. Supondo-se, então, que tivessem tido vigência na mesma época, como determinar seu ordenamento, sua aplicação ou seu mútuo relacionamento? Talvez a observação do comportamento dos afixos lance uma luz nessa situação aparentemente caótica.

Um morfema terminado por consoante nasal seguido por um sufixo oral, ou tornaria nasal a vogal do sufixo (supondo vigente e ordenada em primeiro lugar a primeira regra, de estrutura morfêmica), ou teria de mostrar de alguma forma que essa vogal era oral. Dentro dessa perspectiva pode-se compreender a regra de desnasalização parcial da nasal como posterior à de nasalização da vogal após consoante nasal, e decorrente da necessidade de manter oral o sufixo. Formas do Tupinambá como /okén-ab-a/, registrada como *okendába* ‘porta’ nas fontes, /tim-ar-a/ *tymbára* ‘plantador’ e outras, atestariam esse estágio. A regra poderia ter-se generalizado posteriormente para outras situações internas ao morfema, ou então terá sido sempre bem geral, pois se podem constatar também casos como /moná/ *mondá* ‘roubar’, /namí/ *nambí* ‘orelha’, nos limites da raiz. A verdade é que, pelo menos em Tupinambá, segundo Rodrigues (1958), as consoantes nasais tinham alofones contínuos (m, n, ŋ) antes de vogal nasal e não contínuos (mb, nd, ŋg) antes de vogal oral.

Em Awetí nenhuma dessas regras opera hoje. Mas já vimos vestígios da primeira (Vogal é nasal após consoante nasal) nos exemplos 65-68. Como resíduo da segunda (Consoante nasal tem pós-oclusão oral antes de vogal oral), temos a alternância morfofonêmica *m* ~ *mb*, *n* ~ *nd*, *ŋ* ~ *ŋg* em final de raiz antes de certos sufixos. Ou seja, com a maioria dos sufixos começados por vogal aparece a forma contínua da nasal precedente em fronteira morfológica, mas com cinco deles: *-aw*, *-ap*, *-at*, *-eyu*, *-u* ocorre a forma não contínua. Nos exemplos 70-74, abaixo, a nasal é não contínua. Em 75 e 76, com outros sufixos, temos nasal contínua:

⁶ Os exemplos são de Barbosa (1967).

70. /tim-éyu/ [tĩmbéyu] (que no trabalho tenho representado como [tĩbéyu])
‘estar plantando’
71. /tiʔiŋ-at/ [tĩʔiŋgat] (ou [tĩʔigat]) ‘o que fala’
72. /otén-ap/ [õdëndáp] (ou [õdédáp]) ‘porta’
73. /tém-u/ [tẽmbu] (ou [tẽbu]) ‘a saída’
74. /tán-aw/ [tãndãw] (ou [tãdãw]) ‘correndo’
75. /tim-oko/ [tĩmoko] ‘plantar (futuro)’
76. /tán-ika / [tãnika] ‘não correr’

Voltemos ao Tupinambá. Já no século XVI parecem aí conflitar as duas regras, o que pode ser visto pelos registros contraditórios, pelo mesmo autor (ou copista), das mesmas palavras, quando usadas com o prefixo causativo:

77. monguaba, moguaba, mboguaba /mo-kwab/ ‘fazer passar’
78. mboé /mo-‘é/ ‘ensinar’
79. mbocaba, mocaba /mo-káb/ ‘disparar’
80. monguera /mo-kér/ ‘fazer dormir’

Ora, isso parece mostrar que a vogal do prefixo era interpretada pelo falante ora como nasal, provocando o aparecimento de pré-nasalização meramente articulatória, com sonorização da oclusiva seguinte, ora como oral, provocando a pós-oclusão oral, com sonorização da consoante nasal precedente (ambas as situações com a mesma representação *mb*, *nd*, *ng*). Em termos de registro adequado de fatos provocados por causas distintas, no primeiro caso deveríamos escrever, talvez, ^mb, ⁿd, ^{ng}, e no segundo *m^b*, *n^d*, *ŋ^g*. Resta saber se isso, do ponto de vista articulatório e acústico, não é exatamente a mesma coisa.

Em Awetí, pelo visto, resultou na mesma coisa, se compararmos formas atuais como [tõbã] ou [tõ^mbã], e [nãbi] ou [nã^mbi], vindas, respectivamente, de **tupã* e **namí*, mas sincronicamente /topã/ ‘trovão, tempestade’ e /nãpi/ ‘orelha’.

12. Conclusões

Seis regras fonológicas são necessárias para descrever o processo regular de nasalização na língua Awetí. São, por ordem de aplicação, as seguintes:

1. (NG) Nasalização de glides
2. (NR) Nasalização regressiva geral

3. (AN'-put) Assimilação nasal de *-put*
4. (ANC) Assimilação nasal das consoantes
5. (NRP) Nasalização regressiva parcial
6. (Ap-mê) Apócope da consoante do sufixo
7. (DV) Desnasalização parcial de vogais

Entre 5. e 6. está inserida a regra geral, optativa, de apócope de consoantes (ApC), e após 7. as regras de elevação e assilabificação de vogais (EAV). Não foram incluídas outras regras que não interessam diretamente ao processo em análise, nem a regra geral de estrutura morfêmica – que deve vir antes de todas essas regras – de sonorização optativa das consoantes após vogal ou glide nasal.

Referências

- Barbosa, Pe. Lemos. 1967. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*, Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Emmerich, Charlotte e Ruth Monserrat. 1972. Sobre a Fonologia da Língua Awetí (Tupí). *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n° 25. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Leite, Yonne de F. 1977. Aspectos da Fonologia e Morfofonologia Tapirapé. *Série Linguística VIII*, Museu Nacional, Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1958. *Phonologie der Tupinamba-Sprache*. Tese de Doutorado. Alemanha: Universidade de Hamburgo.
- Soares, Marília L. C. Facó. 1977. A Perda da Nasalidade em Guajajara. Comunicação Oral apresentada durante a 29ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo.